

## DESLIZANDO RUMO AO PROGRESSO: A PATINAÇÃO EM SÃO PAULO (1877-1912)

*SLIDING TOWARDS PROGRESS: SKATING IN SÃO PAULO (1877-1912)*

*DESLIZANDO RUMBO AL PROGRESO: EL PATINAJE EN SÃO PAULO (1877-1912)*

Victor Andrade Melo\*, Flavia da Cruz Santos\*\*

**Palavras chave:**  
História.  
Esportes.  
Atividades de lazer.  
Patinagem.

**Resumo:** A partir da década de 1870, São Paulo passou por transformações que lhe conferiram nova dinâmica, desencadeando-se mais concretamente iniciativas que dialogavam com as ideias de civilização e progresso. A melhor estruturação dos entretenimentos públicos compôs aquele cenário. Este estudo objetiva discutir as primeiras experiências de uma diversão que desembarcou na cidade no período: a patinação. Como recorte temporal, adotaram-se os anos de 1877, data de criação do pioneiro rink, e 1912, quando foi fundado um estabelecimento que marcou a definitiva conformação da prática. Como fonte principal, utilizamos o jornal *A Província de São Paulo/O Estado de S. Paulo*.

**Keywords:**  
History.  
Sports.  
Leisure activities.  
Skating.

**Abstract:** From the 1870s on, São Paulo experienced changes that gave it new dynamics, triggering initiatives related to ideas of civilization and progress. Better organization of public entertainment was part of that scenario. This study aims to discuss the first experiences of skating organized in São Paulo between 1877, when the first skating rink was created, and 1912, a well-structured establishment was open and marked the definitive conformation of the practice in the city. The main source of the study was newspaper *A Província de São Paulo/O Estado de S. Paulo*.

**Palabras clave:**  
Historia.  
Deportes.  
Actividades recreativas.  
Patinaje.

**Resumen:** Desde la década de 1870, São Paulo ha sufrido transformaciones que llevaron a la ciudad a una nueva dinámica, desencadenándose iniciativas que dialogaban con las ideas de civilización y progreso. Una mejor estructuración de los entretenimientos públicos compuso ese escenario. Este artículo objetiva discutir las primeras experiencias de una diversión que llegó a ciudad en ese período: el patinaje. Adoptamos un marco temporal comprendido entre 1877, fecha en que fue creada la pista pionera, y 1912, año de fundación de un establecimiento que marcó la conformación definitiva de la práctica. Como fuente principal, utilizamos el periódico *A Província de São Paulo/O Estado de São Paulo*.

\*Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

\*\*Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Juiz de Fora, MG, Brasil.  
E-mail: flacruz.santos@gmail.com

Recebido em: 01-06-2016  
Aprovado em: 03-09-2016



## 1 INTRODUÇÃO

Para alguns historiadores, a São Paulo dos três primeiros quartéis do século XIX era uma cidade pobre, pacata e até mesmo tediosa, que oferecia poucas opções de divertimento para seus moradores (BRUNO, 1954; ARAÚJO, 1981; AZEVEDO, 2000; TOLEDO, 2003). Segundo Sampaio (1978, p. 71):

A cidade propriamente dita não tem nem animação nem comércio. Algum movimento maior que se lhe nota é o da passagem das tropas que descem carregadas para Santos, ou a chegada de algum fazendeiro abastado, que entra conduzindo a família em liteira ou carro de boi e seguido de numerosa cavalgata, ou então a partida do governador para uma quinta distante, transportando-se em carruagem, talvez a única na cidade, puxada por quatro mulas vigorosas, e precedida por um troço de dragões.

Devemos, contudo, considerar que há indícios que apontam a possibilidade de encarar aquele cenário de forma mais matizada. Estudos como os de Maria Lucília Viveiros Araújo (2006, 2008) e Gustavo Pereira da Silva (2015) sustentam uma visão mais generosa do período, no que se refere à dinâmica social. Tratar-se-ia de uma cidade na qual se observava certo crescimento econômico e populacional.

No âmbito dos entretenimentos, infelizmente, são escassos os estudos sobre o período. Uma matéria do *Correio Paulistano* nos dá algumas pistas de que o fato de a cidade ter se dinamizado de modo incontestável a partir de 1875 não significa que fosse antes totalmente apática. No olhar do cronista, “A nossa capital acha-se atualmente invadida por uma multidão de divertimentos: Alcazar Lírico, Companhia Equestre e Ginástica, Caçador Paulistano e Teatro” (29 jul. 1863, p. 3).

De toda forma, é largamente reconhecido que pelo menos três importantes ocorrências tiveram significativos impactos no cotidiano paulistano no Oitocentos: a criação da Academia Jurídica, em 1827 (BRUNO, 1954; MORSE, 1970; COSTA, 2012); a implantação da rede ferroviária (SAES, 1981; MARTINS, 2004), a partir de 1867; e o desenvolvimento da cafeicultura, que não ocorreu na capital, mas nela se fez sentir (TOLEDO, 2003).

O dinamismo observado no quartel final do século XIX relaciona-se com uma mais intensa circulação de ideias positivistas e republicanas (BOEHRER, 1954), um processo inicial de industrialização (ROLNIK, 1988), bem como a diversificação da economia (SILVA, 2015).

Além disso, articulado a tais ocorrências, houve um processo de reforma urbana que tinha em conta materializar uma maior sintonia com ideias que passaram a ser valorizadas: civilização e progresso. O governo provincial de João Teodoro Xavier de Matos (1872-1875) foi marcante nesse sentido (TOLEDO, 2003), assim como a notória administração do primeiro prefeito da capital, Antônio da Silva Prado (1899-1911) (FREHSE, 2005; RAGO, 2004).

Nesse contexto, foi se instituindo a valorização das novidades que vinham do exterior, notadamente da Europa, uma postura que se tornou denotada nos jornais, inclusive como estratégia publicitária. Enfatizava-se o desejo de se conectar ao moderno, de viver o novo, de escapar de certo ordenamento banal e rotineiro.

Tida como emblemática para a capital paulistana, a década de 1870 foi também decisiva para os esportes e os divertimentos em geral. Buscando atender um público crescente e cada

vez mais exigente, gestou-se um embrionário mercado ao redor das diversões, protagonizado por empreendedores sintonizados com o cenário internacional, normalmente estrangeiros que chegaram à cidade atraídos pelos novos negócios, como os ingleses que vieram trabalhar na construção das ferrovias.

Em 1877, os irmãos britânicos Roberto e Henrique Normanton trouxeram a São Paulo uma dessas novidades: a patinação. Peritos na arte de deslizar sobre rodas abriram o primeiro rink da cidade, o Rink Imperial, no mesmo dia da inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II (futura Central do Brasil) (*A PROVÍNCIA...*, 8 jul. 1877, p. 3)<sup>1</sup>.

Não sabemos se foi coincidência ou escolha deliberada, mas não é improvável que os proprietários desejassem aproveitar o clima festivo e o ambiente favorável para inaugurar seu estabelecimento. A cidade estava em polvorosa. Camarotes foram vendidos para que os mais abastados pudessem acompanhar tudo. O grande conjunto da população se espalhou pelas ruas. Foram “três dias de festas”, durante os quais houve “bondes extraordinários em todas as linhas até o fim do espetáculo” (*A PROVÍNCIA...*, 8 jul. 1877, p. 3). Celebrava-se o progresso simbolizado pelo mais eficiente meio de transporte então existente.

Os trilhos da estrada de ferro a cortar o tecido urbano tornaram-se motivo de orgulho para os paulistanos, considerados um importante indicador de que a cidade se modernizava. Da mesma maneira foi encarada a chegada dos patins com rodas. Mesmo com parâmetros distintos, ambos foram entendidos como símbolos de mobilidade e avanço tecnológico. Exaltou um cronista de *A Província de São Paulo* (2 dez. 1877, p. 1):

Hoje a patinação dispensa o gelo; portanto os patins, em toda a sua pequenez, representam um elo da cadeia brilhante do progresso. São um reflexo da indústria, e a indústria é o esforço inquebrantável do homem na sua luta com a matéria, dominando-a, transformando-a, reduzindo-a a satisfazer todas as nossas necessidades, os nossos prazeres, como sucede com os patins.

A invenção dos patins com rodas é atribuída ao belga John Joseph Merlin, em 1760. A produção do artefato em larga escala e o seu constante aperfeiçoamento se deveram ao desenvolvimento industrial do século XIX. No cenário internacional, a patinação tornou-se sinônimo de modernidade (CRARY, 2001). Em São Paulo, foi uma novidade arrebatadora que, como veremos, foi se incorporando ao cotidiano da cidade.

O objetivo deste artigo é discutir as experiências com a patinação organizadas em São Paulo entre 1877, data de criação do primeiro rink, e 1912, ano de fundação de um estabelecimento muito bem estruturado, que marcou a definitiva conformação da prática na cidade. Nosso intuito é, a partir da investigação de uma manifestação cotidiana, lançar um olhar sobre a adesão a ideias de civilização e progresso na capital paulista.

Para alcance do objetivo, como fonte principal utilizamos um importante aliado dos irmãos Normanton na difusão da patinação, *A Província de São Paulo*, jornal fundado em janeiro de 1875, por um grupo de importantes personagens da política local e nacional<sup>2</sup>. “Órgão oficial dos republicanos”<sup>3</sup> até 1889, defendia causas como o fim da monarquia e a abolição da escravidão, desde um ponto de vista das elites paulistanas (MARTINS, LUCA, 2006).

<sup>1</sup> O trecho construído pela Companhia São Paulo-Rio de Janeiro, vindo de Cachoeira, completava a ligação com a Corte.

<sup>2</sup> Para completar informações, checar a força de certas representações e observar outras interpretações, também fizemos uso dos seguintes periódicos: *Diário de São Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Correio Paulistano*.

<sup>3</sup> Apesar de usar esse *slogan* somente a partir de 1884, por, a princípio, não desejar explicitar uma postura de enfrentamento com os conservadores, o jornal foi republicano desde sua fundação.

Propagando a necessidade de fazer progredir a cidade, os cronistas do periódico sugeriam que a patinação era um “útil divertimento” que “como se sabe, é um dos mais apreciados nas grandes capitais europeias” (A PROVÍNCIA..., 15 jul. 1877, p. 3). Além disso, ressaltavam ser um “excelente exercício higiênico”, “útil à saúde, como verdadeira ginástica tão necessária ao desenvolvimento das forças físicas, como o estudo o é para as faculdades intelectuais”.

Quando já possuía a denominação de *O Estado de S. Paulo*<sup>4</sup>, o jornal continuou a defender a patinação. Os elogios eram semelhantes aos do tempo do Império: “um divertimento tão útil como agradável” (6 jul. 1896, p. 2), “é tudo quanto se pode desejar de agradável e salutar” (10 ago. 1904, p. 2). Perceba-se que ao redor da modalidade sempre se esgrimiram argumentos civilizatórios, sintonizados com o que ocorria no cenário internacional e na Corte.

Uma parte do material analisado trata de anúncios dos riques. Não se deve considerar tal publicidade, de forma linear, como posicionamento do jornal. Obviamente, como se tratava de uma estratégia para atrair mais público, continha o olhar específico dos empreendedores. Todavia, há duas ressalvas importantes a ter em conta: a) os empresários estavam atentos a certas representações valorizadas no cenário citadino da ocasião; b) até mesmo por isso, há vários pontos em comum entre o conteúdo das propagandas e os pontos de vista de alguns cronistas publicados nos periódicos.

## 2 ESTRUTURANDO A NOVA DIVERSÃO

É possível que um ou outro paulistano já conhecesse a patinação, a tivesse experimentado ou mesmo possuísse patins quando da inauguração do Rink Imperial, visto que o artefato circulava não apenas na Europa, visitada pelos mais abastados, como também no Rio de Janeiro, aonde a prática chegou em 1872 (MELO, 2015). Para a maior parte da população, todavia, tratava-se efetivamente de uma nova experiência corporal locomover-se com o auxílio de um calçado com rodas, a sensação de deslizar sobre o chão.

Era necessário, portanto, conquistar os paulistanos, convencê-los a se arriscar sobre os patins. Os pioneiros empreendedores do ramo na cidade utilizaram para tal as mais distintas estratégias. Uma das principais, entabulada antes mesmo da abertura do Rink Imperial, foi apresentar a patinação como uma prática valorizada nos países europeus, o que supunha indicar sua adequação civilizacional.

Essa estratégia se articulava com outros discursos. Por exemplo, com o enfatizar das supostas contribuições da patinação para uma vida mais saudável. Vejamos o anúncio publicado pelos Normanton dias antes da inauguração do Rink:

O patinar é o exercício mais saudável, popular e *fashionable* da época; assegura um movimento necessário, mas sem cansaço algum; desenvolve a força muscular, fortalece os pulmões e dá ao corpo todo uma graça e flexibilidade altamente desejáveis. É indispensável àquelas pessoas cuja profissão é sedentária ou que cultivam as letras. Para estas pessoas, o patinar é especialmente recomendado (A PROVÍNCIA..., 5 jul. 1877, p. 3).

Nessa e em muitas edições do jornal também se publicou um anúncio com os seguintes dizeres: “O Rink. O melhor meio de adquirir *mens sana in corpore sano*”. Trata-se de mais um

<sup>4</sup> A mudança se deu em 1890, em função da proclamação da República.

indicador de como se procurou vincular a modalidade às preocupações com a saúde e higiene que se tornaram denotadas em algumas cidades brasileiras, inclusive em São Paulo (JORGE, 2006).

À exceção de ocasionais suspeitas e umas poucas críticas (em geral ligadas a preocupações com a moralidade), a patinação foi amplamente celebrada e rapidamente atraiu adeptos. Segundo um cronista:

Há apenas seis dias que está funcionando o Rink, e já tem avultado número de frequentadores; à sessão da noite de anteontem estavam presentes umas trezentas pessoas das mais distintas de nossa sociedade, algumas tomando parte nos exercícios, outras simplesmente como espectadores (A PROVÍNCIA..., 15 jul. 1877, p. 3).

Nem mesmo as quedas, motivos constantes de comentários e preocupação, chegaram a ser um impedimento para a adesão dos paulistanos à patinação. Alguns até as consideravam divertidas e sem perigo. Os Normanton, de toda forma, adotaram algumas medidas para tornar mais segura a prática. Uma delas foi oferecer aulas gratuitas para os interessados. Outra foi proibir certos comportamentos, como atravessar a pista, bem como nela usar guarda-chuvas, bengalas ou qualquer outra coisa que oferecesse perigo aos patinadores; também não se podia fumar enquanto se patinava (A PROVÍNCIA..., 24 jul. 1877).

De fato, em função de exigências governamentais e a fim de melhor ordenar o fluxo de frequentadores, publicou-se um regulamento apenas 13 dias depois da inauguração do Rink, inclusive estabelecendo o limite de patinadores e de espectadores por sessão, outra evidência de que era amplo o público interessado.

As sessões noturnas de patinação eram restritas àqueles que possuíam alguma habilidade, selecionados por um mestre do rink, um dos irmãos Normanton. Era uma estratégia de segurança e também de mercado. Quem patinava bem não haveria de gostar de ter o seu trânsito impedido pelos que ainda não dominavam a arte de deslizar sobre rodas. Estes, da mesma forma, poderiam não se sentir seguros ao lado dos que atingiam maiores velocidades e faziam estripulias diversas. Vale destacar que essa limitação não se aplicava a quem desejasse apenas assistir às performances; as arquibancadas sempre rivalizavam com a pista em número de frequentadores.

Com tanta movimentação, a prática interferiu na dinâmica da cidade. Intentando melhor atender ao público que comparecia ao estabelecimento pela noite, os Normanton fizeram um acordo com a companhia de bondes<sup>5</sup> a fim de criar horários extras, saindo do Rink, que ficava no bairro de Santa Ifigênia, na Rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias), logradouro que se tornara um dos preferidos da elite paulistana.

Os bondes iam até o Largo do Carmo, uma região mais central e habitada por gente de outros estratos sociais (SAMPAIO, 1978). Era uma distância considerável para ser percorrida à noite, sobretudo se tivermos em conta os comumente mal iluminados logradouros paulistanos. Os horários extras permitiram, assim, ampliar o número e o perfil dos frequentadores do Rink.

Os empreendedores ingleses criaram com frequência promoções para atrair mais público. Ingressos mais baratos eram oferecidos para os que pagassem uma assinatura mensal. O valor era ainda menor para famílias<sup>6</sup>. De toda forma, o bilhete avulso custava 1\$000.

<sup>5</sup> A Companhia de Carris de São Paulo deu início ao serviço de bondes em 1872.

<sup>6</sup> A mensalidade para uma pessoa custava 15\$000. Para uma família de seis membros eram cobrados 40\$000.

Mesmo que isso somente desse direito a entrar no rink – os que não possuísem seus próprios patins tinham que pagar ainda 500 réis pelo aluguel<sup>7</sup> –, tratava-se de uma diversão acessível, pelo menos aos estratos médios.

O aproveitamento da ambiência favorável para a introdução de novas práticas, as estratégias de divulgação utilizadas, o acordo firmado para a circulação de bondes e a dinâmica de preços do rink são alguns elementos que permitem perceber que, desde os primórdios, a organização da patinação na capital paulista se deu num formato empresarial. Era claro o tino comercial dos irmãos Normanton, expresso também no uso de outras estratégias de mercado.

Uma delas foi a constante oferta de “grandes novidades”, uma ocorrência recorrente entre os empresários não apenas do entretenimento, como também de variados ramos dos negócios<sup>8</sup>. A primeira atração do Rink Imperial, um espetáculo-concerto, estreou em outubro de 1877. Além de uma exibição musical, houve o que foi apresentado, não dificilmente com certo exagero, como “a primeira patinação de fantasia vista na América do Sul” (A PROVÍNCIA..., 27 out. 1877, p. 2).

Vale destacar que sempre houve bandas tocando nas sessões de patinação, especialmente nas noturnas. O público apreciava essa ambientação. Um conhecido maestro, E. Pons, chegou a compor, para tocar no rink, a polca “Rink Imperial”, cuja partitura era vendida na loja de música do francês Henrique Luiz Levy, uma das mais importantes da São Paulo do século XIX (DIÁRIO..., 31 out. 1877, p. 3). Integravam-se diferentes linguagens e diversões, a fim de atender melhor e atrair maior número de frequentadores.

O pouco tempo transcorrido entre a inauguração do rink e o anúncio do primeiro espetáculo, pouco mais de três meses, é um indicativo do quão ávidos estavam os paulistanos por novidades, e o quão atentos a isso estavam os irmãos ingleses. Eles introduziram também uma nova divisão da plateia: cadeiras da frente (ingressos a 2\$000) e de 2ª classe (a 1\$000). Os mensalistas pagaram 1\$000 pelo melhor lugar.

A estratégia usada para atrair mais gente e auferir maiores lucros também visava criar mecanismos de distinção. Essa ideia foi utilizada em outros empreendimentos de diversão de São Paulo, como nas touradas (SANTOS; MELO, 2014). Diferentemente dessas, no Rink a divisão da plateia não vingou – apesar do sucesso de público na ocasião em que foi empregada. No segundo espetáculo-concerto, os Normanton anunciaram que “a pedido geral deliberou-se [...] reduzir o preço da entrada a 1.000 rs.” (A PROVÍNCIA..., 10 nov. 1877, p. 3), sem qualquer diferenciação dos lugares.

Dessa vez, após o show se ofereceu a “patinação geral”, algo que se tornou usual. Os paulistanos não se contentavam em somente assistir às atrações programadas, desejavam também patinar. Esse se tornou um importante diferencial da modalidade, a constante conjugação das duas posturas, observar e praticar.

Sempre tendo em vista manter o numeroso público, no decorrer do tempo o Rink Imperial diversificou ainda mais suas atividades. Além das apresentações musicais, passou a oferecer bailes, eventos carnavalescos, espetáculos teatrais, exibições de luta (inclusive a

7 Houve iniciativas de venda de patins na cidade, pela Fundação da Luz e por um depósito de máquinas de costura. Custavam 20\$000, valor suficiente para alugar patins por 40 vezes. Eram produtos caros, a poucos acessíveis.

8 Os teatros e companhias teatrais comumente anunciavam seus espetáculos como “grande novidade” ou “alta novidade”. Elixires, chapéus, bordados, partituras eram também ofertadas dessa maneira.

primeira sessão de boxe da cidade), entre outras<sup>9</sup>. Muitas dessas atrações antes tinham se apresentado na Corte e depois faziam o mesmo em riques que se abriram em outras cidades da Província de São Paulo, tais como Campinas, Santos, Itu e Capivari.

Em agosto de 1878, foi apresentada outra novidade, as corridas de patins, nas quais podiam participar homens, mulheres e crianças. As provas de imediato caíram no gosto dos paulistanos. Depois de um mês, quando os Normanton avisaram que seriam interrompidas, muitos foram os pedidos publicados nos jornais para que fossem mantidas. Duas semanas depois, os páreos estavam de volta.

Em dezembro de 1878, os incansáveis proprietários anunciaram outra atração: exibições de velocípedes, antecedentes das bicicletas, que chegavam ao país já considerados como sinal de progresso e civilização. A essa altura, São Paulo já dispunha de muitos divertimentos. Além do Rink Imperial, havia festas religiosas (com a de Nossa Senhora da Penha e do Espírito Santo), corridas de cavalos no Hipódromo Paulistano, apresentações no Teatro São José e no Teatro Provisório, touradas na arena de Francisco Pontes, entre outros. A cidade cada vez mais aderiu a uma vida pública festiva, mesmo com os limites estruturais e ainda que tal mudança causasse apreensão nos mais conservadores.

O aumento do número de entretenimentos lançou novos desafios aos empresários. Como seguir atraindo o público, tão necessário para garantir a viabilidade do empreendimento? Os irmãos Normanton, cientes desse fato, além das já citadas estratégias, inclusive a diversificação da programação, tentaram aumentar o conforto do rique. Construíram, por exemplo, uma cobertura nova no galpão da pista, a fim de evitar os transtornos causados pela chuva.

A despeito do sucesso logrado, as atividades do rique cessaram em diversas ocasiões. Algumas vezes, tratou-se de um tempo para fazer reparos. Em outros momentos, foi um “descanso” em função de uma queda momentânea de público. Em 1879, o estabelecimento chegou a ser posto à venda. No início dos anos 1880, todavia, os Normanton seguiram como proprietários.

A novidade nessa década foi a criação de agremiações da modalidade. Em fevereiro de 1882, foi fundado o Clube de Patinação Recreio Familiar. Sua diretoria era integrada por gente da elite. Seu primeiro presidente foi Antônio Paes de Barros, filho do barão de Piracicaba, engenheiro, coronel e futuro senador da República. No ano seguinte, foi criada a Sociedade Familiar 1º de Julho. Mais uma surgiu em 1886, a União Familiar.

Todas promoviam seus eventos no Rink Imperial, tornando-se responsáveis por movimentar o espaço. Os irmãos Normanton parecem ter saído de cena, envolvidos com outros negócios<sup>10</sup>, inclusive na Corte, onde também, entre 1878 e 1879, desempenharam importante papel na dinamização da patinação (MELO, 2015).

Os eventos das agremiações eram mais seletivos, em geral abertos apenas a sócios e convidados. De toda forma, ainda que com alguns hiatos, é possível perceber que a patinação seguiu popular na última década do século XIX, quando passou a ocupar locais destinados a outras modalidades<sup>11</sup>.

9 A patinação não ficou restrita aos espetáculos que aconteciam nos riques. Houve apresentações no Teatro Apollo e no Teatro São José, que tiveram como um de seus números a modalidade.

10 Nos ramos de extração de carvão, iluminação pública e exploração de linhas de bonde.

11 Pelas notícias que conseguimos ver nos jornais, o Rink Imperial funcionou provavelmente até pelo menos 1886.

O primeiro deles foi o Velódromo Paulista, um dos pioneiros espaços multiesportivos da cidade, onde, a partir de 1896, foram oferecidas aulas de patinação, prática livre e corridas de patins<sup>12</sup>. Outras agremiações que na capital paulistana se envolveram com a modalidade foram o Clube de Regatas São Paulo, o Clube Atlético Paulistano, a Associação Atlética São Paulo, o Clube Esperia. Todas possuíam riques próprios.

Nas décadas iniciais do século XX, a prática ganhou as ruas. Choferes e moradores reclamavam que os logradouros públicos se tornaram “recintos de patinação”<sup>13</sup> (O ESTADO..., 31 mar. 1917, p. 6), que “a garotada insolente [...] faz dos passeios rince de patinação, deslizando com estrepito e atropelando quem passa” (O ESTADO..., 16 dez. 1916, p. 8). Segundo os reclamantes, os patinadores atravessavam na frente dos veículos, faziam barulho e atrapalhavam o trânsito.

A cidade cresceu e se tornou necessária uma nova negociação quanto aos usos dos seus espaços. Valerá discutir mais esse novo momento.

### 3 CONSOLIDANDO A DIVERSÃO

Com o fim do trabalho escravo (1888) e a chegada da República (1889), sensíveis mudanças ocorreram na capital paulista, que, nos anos iniciais do século XX, começava a assumir a dianteira do desenvolvimento industrial e econômico do país (SZMRECSÁNYI, 2004; ROLNIK, 1988). Esse novo cenário favoreceu ainda mais a estruturação dos divertimentos, entre os quais a patinação.

O aumento da circulação de pessoas e capital na efervescente cidade, bem como o acentuar do desejo de modernização, induziu a criação de empreendimentos mais bem estruturados. Em 1904, no mesmo local do antigo Frontão Paulista, pioneiro estabelecimento dedicado ao jogo da pelota, situado na Rua Boa Vista, fundou-se o Columbia Skating Rink. No mesmo ano, surgem o Art-Nouveau Rink (adaptando-se o espaço do antigo Casino Paulista, na Avenida São João) e o São Paulo Star Skating Rink (na Rua Onze de Julho). Um cronista assim exultou esse novo momento:

Dia a dia cresce a concorrência ao Columbia S. Rink. E, pelo modo porque vão as coisas correndo, dentro em pouco, não haverá mais ninguém em S. Paulo, cavalheiro ou senhora, rapaz ou moça, menino ou menina, que não saiba patinar.

Realmente, vale a pena gastar-se algumas horas no Rink. Não só tudo ali é excelentemente organizado como o exercício em si é tudo quanto se pode desejar de agradável e salutar (O ESTADO..., 10 ago. 1904, p. 2).

Além disso, a partir de abril de 1905, a modalidade passou a ser oferecida em um importante local da capital. A Companhia Antártica, empresa que já existia há mais de um quarto de século, naquele momento em expansão, considerando que poderia ser um negócio lucrativo, construiu no Parque Antártica um rince que se tornou dos preferidos da cidade. Esse complexo de entretenimentos – que dispunha de instalações esportivas, estrutura de alimentação, diversões variadas – fora criado, em 1902, a princípio exclusivamente para seus funcionários, logo sendo aberto para o grande público. Futuramente abrigaria importantes jogos de futebol, tendo sido na década de 1920 adquirido pelo Palestra Itália, atual Palmeiras.

<sup>12</sup> Para mais informações, ver Gambeta (2013).

<sup>13</sup> Alguns exemplos dessas reclamações podem ser encontrados nas seguintes edições do jornal *O Estado de S. Paulo*: 7 abr. 1915, 11 jun. 1916, 16 dez. 1916 e 31 mar. 1917. Alguns dos logradouros utilizados pelos patinadores eram a Avenida Paulista, a Rua Victória e a Rua Pedro Álvares Cabral.



Notícias do sucesso da modalidade tornaram-se usuais, salientando-se a afeição dos paulistanos pela patinação. Para um cronista, “O público vai ao Rink pelo mesmo motivo porque anda na rua: por necessidade, por contingência da vida. É-lhe tão necessário correr sobre patins como dormir e alimentar-se” (O ESTADO..., 2 set. 1904, p. 3).

Os estabelecimentos dedicados à patinação eram apontados como lugares refinados e frequentados pela nata da sociedade. Um jornalista assim descreveu o público de um rink:

Umhas quatrocentas pessoas, cavalheiros e exmas. senhoras deslizavam suave e elegantemente em volta da pista. As arquibancadas repletas de tudo que São Paulo tem de chique e elegante. A fina flor da sociedade paulista estava amplamente representada (O ESTADO..., 23 mar. 1905, p. 2).

Mesmo quando o calor era forte, os paulistanos patinavam, o que causava espanto a alguns: “A paixão pelo patim não arrefece nem à força da canícula” (O ESTADO..., 24 ago. 1904, p. 2). Certos cronistas chegaram a criticar esse “esquisito” costume. Para esses, devido inclusive às suas origens no gelo, a prática não deveria ser oferecida em outras estações que não o inverno.

Chegou-se a solicitar ao Rink Columbia que cerrasse as portas no verão: “Seria bom que ela [a empresa] só o reabrisse em estação apropriada, não só no interesse da higiene dos patinadores como no seu próprio” (O ESTADO..., 5 dez. 1904, p. 2). Desconsideravam esses críticos que, na Europa, as rodas foram adicionadas aos patins justamente para que a patinação pudesse ser praticada fora do inverno, quando não havia lagos congelados.

Proposta semelhante já havia sido frustrada no século anterior. O Rink Imperial, em seu primeiro ano de funcionamento, deixou de anunciar sessões no final de setembro, quando começava a primavera. Imediatamente recebeu pedidos para que continuasse com as suas atividades. O estabelecimento se manteve aberto, o mesmo que ocorreu com os rinks do século XX.

Assim como se passara na centúria anterior, foi intensa a diversificação das atrações programadas nos rinks nas primeiras décadas do XX. Nos anos 1910, a patinação passou também a ser oferecida em conjunto com outras diversões, entre as quais uma das mais valorizadas do momento, o cinema. Isso ocorreu no Chantecler Theatre (1911) e no High-Life Theatre (1911).

Em 1912, foi inaugurado, na Praça da República, “o mais luxuoso salão da América do Sul” dedicado à modalidade: o Skating Palace (O ESTADO..., 2 jan. 1915, p. 9). Segundo um cronista, era um “Rink Modelo”, construído à semelhança dos que “existem em Paris, Londres e Nova York” (O ESTADO..., 14 abr. 1912, p. 5).

Propriedade da Companhia Sports e Atrações, o estabelecimento foi projetado por José Rossi, premiado arquiteto francês, um dos principais acionistas do negócio, ao lado de seu genro, H. Rollin, apresentado como um *sportsman* que “somente se tem ocupado de ‘coisas sportivas’. E sobretudo da patinação, quer sobre o gelo, quer sobre a madeira, durante vinte anos, na França, na Suíça, na Áustria e na Rússia. Com justiça, pois é tido como um dos melhores patinadores do mundo” (O ESTADO..., 14 abr. 1912, p. 5).

O Skating Palace oferecia mesmo uma estrutura suntuosa. O belo edifício<sup>14</sup> possuía uma pista de 1000 metros quadrados, com piso composto por quatro camadas de madeira

<sup>14</sup> Para uma visão do projeto arquitetônico, consultar Mendes (2011). Para mais informações, inclusive a localização precisa, ver <<http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine.htm>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

importada, uma delas destinada a reduzir o barulho dos patins. Os proprietários trouxeram de Nova Iorque uma máquina capaz de a nivelar perfeitamente.

No entorno da pista, havia camarotes, galerias e serviço de bar. A capacidade estimada era de 1500 pessoas (MENDES, 2011). Se podia patinar e assistir a um filme pelo preço único de 500 réis. Para seu bom funcionamento, contava com um corpo de 60 profissionais, dentre os quais 11 professores de patinação, seis deles “especialmente vindos de Paris, incumbidos de ensinar a patinar e a manter a disciplina, a boa ordem na pista, a fim de evitar que aconteçam desastres” (O ESTADO..., 14 abr. 1912, p. 5). Em vários momentos se percebe que a Europa segue sendo considerada como exemplo de civilização que se esperava alcançar.

O Skating Palace tinha um alto investimento, que se justificava pela já longa existência e popularidade da modalidade na capital. Sabia-se que não era mais só um modismo, mas sim uma prática apreciada pelos paulistanos há décadas. No nosso entender, esse estabelecimento marcou o fim de uma fase de um longo percurso da patinação em São Paulo.

Para concluir, abordemos um tema que nos parece uma síntese das várias dimensões que cercaram a modalidade: a participação feminina. As paulistanas foram praticantes, não só espectadoras, desde seus primórdios no século XIX. Àquela altura já desempenhavam maior papel social, mas normalmente na condição de assistentes. A patinação foi uma das primeiras atividades públicas em que puderam, de fato, se envolver de maneira mais ativa.

Essa possibilidade de participação tinha relação com as características e representações da modalidade. Um folheto sugeriu que “a arte de patinar, é, como a dança, a música dos movimentos, do mesmo modo que a pintura é a música das cores, e a escultura a música das formas” (A PROVÍNCIA..., 2 dez. 1877, p. 1). Para o cronista: “Hoje a menina que conhece bem humanidades, toca piano, desenha e canta, não se pode considerar de educação completa se não patina”. No Rink Imperial, houve mesmo sessões de patinação destinadas exclusivamente às mulheres, que a partir de determinado momento chegaram a ter a entrada franqueada.

Tal participação se exponenciou no século XX. O Columbia Skating Rink reservava as manhãs ao público feminino, ficando as tardes e noites abertas a todos, momentos em que patinavam juntos homens e mulheres. Houve até mesmo aulas oferecidas exclusivamente para as senhoras e meninas.

As mulheres também participaram das corridas de patins, bem como das competições de elegância em patinação, exclusivamente promovidas para elas. A vencedora era a que patinava com mais garbo, sendo a assistente o júri. Como prêmios, eram oferecidos medalhas e pares de patins.

Na verdade, elegância foi sempre um tema aventado quando se tratava da patinação. O termo era utilizado para definir a modalidade, o rink, a roupa e os comportamentos esperados dos frequentadores. Até mesmo por ser assim considerado, mulheres e homens, bem como gente de todos grupos etários, podiam compartilhar, obviamente com limites, o mesmo espaço.

#### 4 CONCLUSÃO

A patinação foi um dos pioneiros entretenimentos paulistanos a se organizar de acordo com um modelo empresarial, que foi sendo gradativamente aperfeiçoado à medida que o mercado de divertimentos se desenvolveu. Desembarcou na cidade num momento marcado

por muitas mudanças, rapidamente caindo no gosto de gente de diferentes estratos sociais, logo se tornando uma das diversões favoritas. A propósito, em função de suas características, a prática também contribuiu para ampliar a presença das mulheres na cena pública, permitindo que experimentassem outros usos do corpo, outras formas de divertimento.

Não era para menos tal popularidade, visto que os discursos sobre a modalidade enfatizavam atributos caros aos que desejavam o progresso e a civilização de São Paulo, tais como os benefícios “à flexibilidade, à força e à saúde que eles [os patins] desenvolvem, e avigoram nos músculos” (A PROVÍNCIA..., 2 dez. 1877, p. 1). Frutos do desenvolvimento industrial, esses artefatos eram também um símbolo da modernidade desejada por alguns paulistanos.

De fato, a patinação se conformou a partir de múltiplas representações e interesses. E. P., no folhetim *Correio Paulistano*, traçou um perfil dos frequentadores dos riques dando conta dessa diversidade. Para o cronista, eles poderiam, de acordo com sua motivação, ser divididos em: “por divertimento; por higiene; por obrigação; por pilhéria; por ser chique” (13 jan. 1878, p. 1).

A patinação, enfim, estava plenamente articulada com as diversas mudanças pelas quais passava São Paulo no âmbito da economia, política e cultura. Foi um indicador e contributo para a consolidação de certos costumes em importante momento da história paulistana. Expressou e ajudou a consolidar os desejos de civilização e progresso.

## REFERÊNCIAS

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 5 jul. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 8 jul. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 15 jul. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 24 jul. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 27 out. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 10 nov. 1877.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 2 dez. 1877.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos**. São Paulo: Hucitec, 2006.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. Circulação de livros em São Paulo (1800-1860). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Maria%20Lucilia%20viveiros%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

AZEVEDO, Elizabeth. **Um palco sob as arcadas**: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX. São Paulo: Annablume, 2000.

BOEHRER, George C. A. **Da monarquia à república**: história do Partido Republicano do Brasil - 1870-1889. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Serviço de Documentação, 1954.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**: burgo de estudantes (1828-1872). Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.

CORREIO PAULISTANO, 29 jul. 1863.

CORREIO PAULISTANO, 13 jan. 1878.

COSTA, Marina Santos. **Práticas de diversão dos estudantes da Academia Jurídica no processo de urbanização de São Paulo (1867-1878)**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) - Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2012.

CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX. *In*: CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 67-94.

DIÁRIO DE SÃO PAULO, 31 out. 1877.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: Editora EdUSP, 2005.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. 408f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

JORGE, Karina Camarneiro. **Urbanismo no Brasil Império**: a saúde pública na cidade de São Paulo no século XIX. 2006. 226f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

MARTINS, Ana Luzia, LUCA, Tânia Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARTINS, José de Souza. A ferrovia e a modernidade em São Paulo: a gestação do ser dividido. **Revista USP**: 450 anos de São Paulo, n. 63, set.-dez., 2004.

MELO, Victor Andrade de. **Novos usos do corpo**: a *fashionable* patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892). Rio de Janeiro: PPGHC, 2015.

MENDES, Ricardo. Modelando o República: um cine-teatro da década de 1920. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, São Paulo, v. 7, n. 30, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo**: de comunidade a metrópole. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

O ESTADO DE S. PAULO, 6 jul. 1896.

O ESTADO DE S. PAULO, 10 ago. 1904.

O ESTADO DE S. PAULO, 24 ago. 1904.

O ESTADO DE S. PAULO, 2 set. 1904.

O ESTADO DE S. PAULO, 5 dez. 1904.

O ESTADO DE S. PAULO, 23 mar. 1905.

O ESTADO DE S. PAULO, 14 abr. 1912.

O ESTADO DE S. PAULO, 2 jan. 1915.

O ESTADO DE S. PAULO, 7 abr. 1915.

O ESTADO DE S. PAULO, 11 jun. 1916.

O ESTADO DE S. PAULO, 16 dez. 1916.

O ESTADO DE S. PAULO, 31 mar. 1917.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na Metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (Org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 387-436.

ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço é político. In: KOWARICK, L. (Org.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 207-245.

SAES, Flávio Azevedo Marques. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SAMPAIO, Teodoro. São Paulo no século XIX. In: SAMPAIO, Teodoro. **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SANTOS, Flávia da Cruz; MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 174, n. 463, p. 39-70, 2014.

SILVA, Gustavo Pereira da. A dinâmica do enriquecimento paulista no século XIX: das origens à diversificação do capital da família Lacerda Franco. **Estudos Econômicos**, v. 45, n. 2, p. 347-376, 2015.

SZMRECSÁNYI, T. **História econômica da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

